

Louvor e Desratização de Cesariny vs. Pessoa

[Praise and Pest Control of Cesariny vs. Pessoa]

Maria Silva Prado Lessa*

SOUSA, Rui (2024). *Cesariny e o Monstro Pessoa: (re)visões de Fernando Pessoa na obra de Mário Cesariny (1944-2006)*. Lisboa: Tinta-da-china. 465 pp. [ISBN: 9789896718596]



Anualmente, a Fundação Cupertino de Miranda promove os “Encontros Mário Cesariny”, sempre em data próxima ao aniversário de morte do artista português, no dia 26 de novembro de 2006. Detentora de grande parte do espólio documental de Mário Cesariny, a FCM assumiu como missão divulgar e celebrar a obra e a vida de um poeta cuja produção parece se avolumar com o passar do tempo. Esse efeito resulta tanto do empenho da FCM em publicar suas entrevistas, suas cartas e seus projetos de antologias, quanto da abertura do espólio sob seus cuidados a investigadores interessados em percorrer os caminhos da produção crítica que nos revelam os muitos cadernos, livros e anotações soltas

por ela – pela Fundação – catalogadas.

Em 2023, quando se celebrava o centenário de nascimento de Cesariny, os “Encontros” contaram com uma última sessão de debate dedicada ao tema “Mário Cesariny e Fernando Pessoa”. A mesa foi composta por três estudiosos da obra pessoana de renome, sendo um deles também especialista na obra de Cesariny, Fernando Cabral Martins. Em seu livro de 2016, *Mário Cesariny e O Virgem Negra – Ou a morte do autor e o nascimento do actor*, Cabral Martins investigara já a relação entre os dois poetas, além de ter abordado o impacto da recepção prolongada de Fernando Pessoa no panorama das poéticas portuguesas desde o início das publicações de sua obra pela Ática, em 1942.

Como é sabido até mesmo pelos leitores menos assíduos da obra de Cesariny, a relação que manteve com Pessoa foi longe de ser pacífica, unívoca, ou de admiração passiva. Muito pelo contrário, duas das mais conhecidas publicações do poeta surrealista, a plaquete *Louvor e simplificação de Álvaro de Campos* e o livro *O Virgem Negra*, são evidências inequívocas do fato de que Pessoa foi um ingrediente indis-

* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

pensável na cozinha cesariniana. O teor da utilização e deglutição da obra pessoana, porém, levanta dúvidas. Uma das perguntas mais imediatas que surge é: seria Cesariny um admirador de Pessoa ou um detrator seu?

Para aqueles que dedicam mais tempo a percorrer a obra cesariniana, a proposta de uma sessão inteiramente dedicada à relação entre os dois poetas poderia provocar um sabor agridoce. Longe de ser causado pelo conteúdo das exposições dos três acadêmicos, esse sabor proviria da aparente insistência nessa temática no âmbito de uma produção que denunciou repetidas vezes o movimento operado pela crítica literária portuguesa de hipervalorizar a obra de Pessoa. Uma sessão desse tipo poderia perturbar aqueles que ouviram altissonantes as invectivas de Cesariny contra a “indecente” “febre fernandina” e contra a transformação de Pessoa “num emprego público” (CESARINY, 2020: 218), e que escutaram os seus ecos na virulência do último livro de poesia escrita do surrealista, *O Virgem Negra*, livro-bomba lançado “contra a catedral que ergueram em torno dele” (CESARINY, 2020: 320).

Na visão do autor de *Pena capital*, uma das consequências dessa sobrevalorização foi a obliteração ou a minoração de outras produções suas contemporâneas, precursoras ou sucedâneas. No caso de um evento dedicado a celebrar e a investigar a sua obra, pareceria que a atenção dada a Pessoa poderia ser mais bem aproveitada se projetada sobre outros autores e artistas cuja importância no quadro da produção do surrealista adquire um maior valor afetivo, criativo e de identificação, como Antonin Artaud, Arthur Rimbaud, Teixeira de Pascoaes, Maria Helena Vieira da Silva ou António Maria Lisboa.

Passado um ano dos “Encontros Mário Cesariny XVII”, chega até nós um livro que procura dialogar com as inquietações provocadas pela temática “Cesariny e Pessoa” no campo da crítica dedicada ao primeiro. *Mário Cesariny e o monstro Pessoa: (re)visões de Fernando Pessoa na obra de Mário Cesariny (1944-2006)* (Tinta-da-china, 2024), de Rui Sousa, traz desde o seu título o sinal da perturbação causada e anuncia a coragem necessária ao investigador para enfrentar tamanho monstro crítico. O projeto de Sousa é ambicioso sobretudo por percorrer um longuíssimo arco temporal e por, consequentemente, analisar um enorme volume documental, recobrando praticamente a totalidade dos anos produtivos de Cesariny de que se tem notícia. Assim, do início da década de 1940, datam os primeiros ensaios que publicou na página “Arte”, do jornal *A tarde*, e, de 1944, a redação da obra *Nicolau Cansado Escritor*, que só viria a ser publicada no início da década de 1960. Já de 2006, ano de morte do poeta, Sousa destaca as entrevistas do final da vida, nas quais, afirma, “Pessoa surge ainda como um tópico fundamental” (13). Tampouco ficam de fora os trabalhos recentes que abordaram a relação Cesariny-Pessoa, como é o caso do livro de Cabral Martins – já aqui mencionado – e de ensaios de autores como António Candido Franco, Osvaldo Silvestre, João Dionísio, Cândido de Oliveira Martins, Julia Pinheiro Gomes e Margarida Vale de Gato.

O trabalho de Sousa se divide em duas partes, justificadas pela necessidade de análise mais detida de *O Virgem Negra*, que ocupa toda a segunda seção do livro. A primeira se dedica a analisar as diferentes etapas da recepção crítica de Pessoa por Cesariny, década a década, dando ênfase a duas produções nas quais o diálogo é mais evidente: *Nicolau Cansado escritor* e *Louvor e simplificação de Álvaro de Campos* (escrito em 1946, publicado 1953). Conforme o pesquisador mostra, a capacidade de conjugar a criação poética à crítica de poesia e à crítica da crítica literária coeva que Cesariny então demonstra – principalmente através da ficção instaurada por seu Nicolau Cansado – aproveita-se de recursos próprios da obra de Pessoa. Tal é o caso da valorização que ambos os poetas dão ao “primado da ficção como mecanismo privilegiado para a intervenção crítica na cultura de seu tempo” (34). Um aspecto que contribui para o impacto dessa constatação é a data de elaboração dos projetos de *Nicolau...* e *Louvor...*, que revela o pioneirismo crítico de Cesariny no campo da bibliografia produzida acerca da obra de Pessoa, ainda apenas iniciada.

A primeira seção do livro também dedica especial atenção à recepção, por Cesariny e pelos artistas do antigrupo Os Surrealistas, da geração de *Orpheu* e dos seus críticos, com destaque para os presencistas Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões. Amplia-se, assim, o escopo do trabalho de Sousa, fazendo com que os dois poetas centrais sejam acompanhados pelos de suas gerações e seus interlocutores mais imediatos, sejam eles correlegionários seus ou não. Em torno do núcleo encabeçado por Cesariny, o destaque é dado a Pedro Oom e a António Maria Lisboa. Em torno de Pessoa, destacam-se Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor. Ao alargar análise a outros poetas e, principalmente, aos críticos dessa poesia, Sousa revela que o processo de afirmação e de consolidação da identidade do antigrupo Os Surrealistas na cena portuguesa se fez também por meio do ataque público aos mais destacados críticos da *presença* que, não à toa, são também os dois nomes cimeiros da primeira recepção de Pessoa e de *Orpheu*. Como campo privilegiado de ataque, encontra-se a disputa pelo significado da obra e do percurso de Pessoa e de Sá-Carneiro. É, assim, que a *crítica da crítica* se tornará um dos temas recorrentes e, quiçá, o mais importante no trabalho que Cesariny dedicou ao poeta de *Mensagem*.

Sousa enfatiza que mesmo os temas mais frequentes na abordagem crítica da obra de Pessoa, como é o caso do heteronimismo, são trabalhados por Cesariny sempre numa via dupla: a tentativa de leitura do que seria o projeto do poeta e a releitura e a refutação dos seus críticos. Recusando-se a cair na discussão a respeito do caso psiquiátrico ou para-psiquiátrico da criação dos heterônimos, Cesariny privilegia o dinamismo movente que se estabelece entre todas as peças da constelação pessoana. Sua posição denota uma recusa da dicotomia unidade / diversidade que parece dominar os discursos sobre o heteronimismo, e revela uma compreensão da “unidade-homem” na qual a diversidade dos elementos constitutivos promove a “prática criativa de articulação entre manifestações plurais de um indivíduo em estado de

mobilidade, desprovido de qualquer direção determinada, incluindo nos termos cronológicos” (100). Dessa forma, Sousa destaca, da leitura atenta e do cotejamento entre as diferentes respostas dadas por Cesariny a respeito da criação heteronímica num arco de cerca de 35 anos, sua formulação sintética e múltipla para o “caso-Pessoa”: a ideia de um “cadáver esquisito da pessoa humana” (99), cuja identidade é “efeito de mobilidade desligado de qualquer ideal evolucionista” (99).

A leitura de Cesariny promove o processo pessoano a um exemplar contraponto crítico à mundividência racionalista europeia, calcada na ideia de individualidade, de progresso e de evolução, como Sousa explorará mais a fundo no brilhante capítulo “Pessoa e a crítica de Cesariny ao paradigma ocidental”. A crítica ao Ocidente repercutirá também na segunda parte do estudo. Lá, ela se encontra com o interesse de Cesariny pelos pré-rafaelitas e pelos poemas ingleses de Pessoa, cuja potência homoerótica será acentuada pelo surrealista. O pré-rafaelismo e a expressão poética pessoana em língua inglesa emergem, então, como dissidências de uma linhagem cultural devedora de um “segundo Renascimento”, pautada na repressão do corpo. Como escreve Sousa:

[...] a sexualidade transgressiva dos poemas [*Antinous* e *Epithalamium*] cruza-se, desse modo, com o problema da crítica ao Ocidente e com a adoção de uma linhagem alternativa, que vai da literatura de cordel de matriz portuguesa ao aprofundamento dos laços com saberes ocultistas e extraídos de contextos extra-europeus e à descoberta de referentes europeus tidos por pré-modernos, como a Irmandade dos Pré-Rafaelitas.

(279-282)

A segunda parte do estudo se detém no projeto poético, antológico e crítico que representa *O Virgem Negra*, em diversas fases de elaboração. Na análise, convergem os diferentes interlocutores e assuntos convocados por Cesariny na construção de um universo dialogante na obra pessoana e em torno dela. A importância desse aspecto é ressaltada e refletida pela opção do autor de dedicar os cinco capítulos finais da segunda parte do livro à análise do espólio de Cesariny depositado na FCM. Sousa descortina, assim, o “monstro-Pessoa” que ronda os meandros da biblioteca pessoal e das páginas dos cadernos de Cesariny. Esse trabalho monumental inclui a leitura da bibliografia utilizada pelo parodiador-antologador, da marginalia conservada nos seus livros e do material por ele produzido em cadernos, provas tipográficas e demais documentos ligados ao desenvolvimento de *O Virgem Negra*, em suas duas edições.

Desse modo, Sousa alcança um modo de equiparação dos estudos cesarinianos aos estudos pessoanos na sua dimensão arquivística e documental. Se a crítica genética voltada para a produção de Pessoa é uma das maiores responsáveis pelo crescimento *ad infinitum* desse corpo monstruoso, o autor mostra que a biblioteca cesariniana não é menos merecedora de um estudo genético e de marginalia com consequências produtivas para a compreensão do seu universo e do seu pensa-

mento. A sua metodologia, portanto, se aproveita de uma espécie de transporte ou de importação daquilo que é característico no campo dos estudos pessoanos, o que dá ao seu livro uma ímpar coerência forma-conteúdo.

O grande êxito e trunfo de um projeto como o de *Cesariny e o monstro Pessoa* é a minúcia detetivesca que o autor consegue alcançar no exame detido dos ensaios, cartas, declarações e poemas, bem como dos documentos que seleciona do espólio depositado na Fundação Cupertino de Miranda, que examina e reproduz no livro, numa generosa seção de anexos. Como resultado, Sousa nos apresenta uma obra que mostra que não se trata de responder com um “sim” ou “não” à pergunta “mas Cesariny gostava de Pessoa?”, o que revela, sobretudo, a impertinência dessa indagação. O quadro que monta revela quer a amplitude e a complexidade das questões levantadas por Cesariny na análise da obra e da mitografia pessoanas, quer as transformações sucessivas que se vão operando no seu pensamento e os desvios de atenção no seu percurso como poeta-crítico. Os mais de 60 anos de atividade de que se ocupa o investigador revelam que Pessoa foi um assunto não apenas recorrente na obra do surrealista, mas estruturante da sua produção como crítico e pensador da arte e da cultura – e não só portuguesas.

Bibliografia

CESARINY, Mário (2020). *Uma última pergunta: entrevistas com Mário Cesariny (1952-2006)*. Organização, introdução e notas de Laura Fonseca Mateus. Prefácio de Bernardo Pinto de Almeida. Posfácio de Perfecto E. Cuadrado. Lisboa: Documenta.

MARIA SILVA PRADO LESSA é Professora de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e investigadora colaboradora do Grupo 1 do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Sua pesquisa é dedicada ao Surrealismo Português, com destaque para a obra de Mário Cesariny, e ao desenvolvimento de metodologias para o ensino de leitura de poesia na universidade pública no período pós-pandêmico. É autora de *Mário Cesariny: a obra ou a vida* (Documenta / Fundação Cupertino de Miranda, 2022) e organizadora de *O navio de espelhos: antologia poética de Mário Cesariny* (Bazar do Tempo, 2024).

MARIA SILVA PRADO LESSA is a Professor of Portuguese Literature in the Department of Classical and Vernacular Letters at the Faculty of Philosophy, Letters, and Human Sciences at the University of São Paulo (FFLCH/USP) and a collaborating researcher in Group 1 of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the University of Lisbon (CLEPUL). Her research focuses on Portuguese Surrealism, with an emphasis on the work of Mário Cesariny, and on developing methodologies for teaching poetry reading in public universities in the post-pandemic period. She is the author of *Mário Cesariny: a obra ou a vida* (Documenta / Fundação Cupertino de Miranda, 2022) and the organizer of *O navio de espelhos: antologia poética de Mário Cesariny* (Bazar do Tempo, 2024).